

O problema da linguagem em *Americanah* (2013) sob uma perspectiva fanoniana

The problem of language in *Americanah* (2013) from a fanonian perspective

Larissa Lacerda de Sousa

Charles Ponte

Resumo: Este artigo analisa o problema da linguagem como forma de violência e de resistência no romance *Americanah* (2013), de Chimamanda Ngozi Adichie. Para isso, fazemos um recorte que acompanha o deslocamento da protagonista ao deixar a Nigéria e se mudar para os Estados Unidos, e suas estratégias para lidar com o racismo com o qual é confrontada, além da posição de algumas outras personagens. Assim, traçamos um diálogo entre o texto literário e a discussão do pensador Frantz Fanon (1983) sobre “máscaras brancas”, pois consideramos que determinados posicionamentos das personagens podem ser lidos como uma “via de embranquecimento” para tentar se adaptar ao país hospedeiro. Consideramos a obra do autor Martinicano bastante pertinente para a leitura crítica do romance em questão, sobretudo porque a nossa análise tem como foco a materialização de conflitos raciais e sociais na linguagem, tópico enfatizado por Fanon e aspecto central na obra de Adichie. Além disso, utilizamos discussões do campo dos estudos pós-coloniais e dos estudos culturais como Homi Bhabha (2023) e Stuart Hall (2003).

Palavras-chave: *Americanah*. Linguagem. Racismo. Máscaras Brancas. Identidade.

Abstract: This article examines language as both a form of violence and a tool of resistance in Chimamanda Ngozi Adichie’s novel *Americanah* (2013). The analysis focuses on the protagonist’s displacement from Nigeria to the United States and her strategies for confronting racism, as well as the positions assumed by other characters. To this end, the study engages in dialogue with Frantz Fanon’s reflections in *Black Skin, White Masks* (1983), considering how certain characters’ attitudes can be interpreted as attempts at “whitening” in order to adapt to the host country. Fanon’s work proves particularly relevant for this critical reading, as the analysis centers on the ways racial and social conflicts materialize in language—an aspect emphasized by both Fanon and Adichie. Additionally, the article draws on theoretical contributions from postcolonial and cultural studies, particularly those of Homi Bhabha (2023) and Stuart Hall (2003).

Keywords: *Americanah*. Language. Racism. White Masks. Identity.

INTRODUÇÃO

O romance que constitui o *corpus* da nossa análise, *Americanah* (2013), é uma obra da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. A obra narra a história da protagonista Ifemelu, que sai da Nigéria muito jovem, se muda para os Estados Unidos e retorna ao seu país natal treze anos após a sua partida. Além de Ifemelu, outras personagens vivem esse deslocamento, o que, junto a outros aspectos, caracteriza a obra como um romance

diaspórico. A representação da diáspora em *Americanah* convida o leitor a problematizar uma série de questões como imperialismo, racismo e identidade.

O presente artigo propõe uma leitura crítica dessa obra, tomando como fundamentação autores dos estudos pós-coloniais e dos estudos culturais. Ressaltamos, contudo, que o nosso ponto de partida é traçar um paralelo entre a discussão feita por Frantz Fanon em seu livro “Pele Negra, Máscaras Brancas” (1983) e o romance de Adichie, uma vez que a nossa análise focaliza a utilização da linguagem no romance como estratégia frente ao racismo com o qual os personagens se deparam, muitas vezes fruto de práticas outremizadoras concretizadas em uma língua que “não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente fascista” (Barthes, 1992, p. 14).

Nesse sentido, analisaremos como a linguagem em *Americanah* se configura como uma forma de violência e/ou de resistência, constituindo um espaço de constante enfrentamento no qual conflitos são materializados. Além disso, observaremos como essa linguagem é empregada pelos personagens de diferentes maneiras, conferindo ao texto múltiplos sentidos. A partir dessa perspectiva, salientamos a relevância de Fanon para pensar a literatura contemporânea, visto que o autor é amplamente referenciado pela crítica literária, principalmente quando se trata da análise de obras que abordam a temática do racismo e da (des)colonização.

Aqui, nos interessa especificamente a discussão sobre como a linguagem pode ser uma das “máscaras brancas” sobre as quais Fanon discute, tendo em vista que, ao chegar aos Estados Unidos, Ifemelu se descobre uma mulher negra a partir do olhar dos demais personagens pelos quais ela é confrontada. Analisamos, pois, como a linguagem pode se configurar como uma *via de embranquecimento* para a protagonista – o que também ocorre com outros personagens – que se manifesta diante da descoberta do Outro.

Os capítulos do romance intercalam diferentes espaços — Nigéria, Estados Unidos da América e Inglaterra — e distintos momentos temporais — o presente da narrativa e o passado (por meio de técnicas como analepse e prolepse). Nesse deslocamento espacial e temporal, a obra apresenta o processo de formação da personagem principal. Contudo, para os objetivos deste artigo, concentraremos nossa análise na parte da história ambientada nos EUA, demonstrando como esse espaço se constitui em relação a um referente externo (sobretudo outros países pertencentes à periferia do sistema capitalista). Esse recorte nos permite acompanhar a protagonista de

modo mais preciso e focar o tema do embranquecimento, que constitui nossa questão central.

Dessa maneira, a leitura que se segue analisará, primeiramente, o tema da racialização e a constituição da branquitude como norma dentro do romance. A partir disso, buscaremos compreender como os conflitos decorrentes dessas relações interferem no posicionamento das personagens diante de situações opressivas, nas quais a linguagem é discutida e empregada tanto como tentativa de reconhecimento por esse Outro quanto como forma de afirmação identitária.

A descoberta do Outro, em *Americanah* (2013)

O tema da linguagem, central para os estudos literários, tem um longo debate traçado por autores oriundos de territórios que foram colonizados. Esse debate compreende uma conjuntura que determina a relação assimétrica entre as línguas dos países colonizadores e as línguas nativas desses territórios colonizados, bem como a utilização da língua europeia pelos povos subalternizados.

Consciente das consequências do processo de colonização, Frantz Fanon reconhece no fenômeno da linguagem uma questão central capaz de revelar tanto a violência do colonizador quanto, por consequência, o complexo de inferioridade do homem negro. Ao recorrer à filosofia e à psicanálise, o autor evidencia que a reflexão sobre a linguagem está intrinsecamente ligada à busca por reconhecimento. Uma vez que o processo colonial desumaniza o sujeito negro, este, segundo o pensador martinicano, passa a buscar formas de “embranquecimento” como tentativa de obter algum tipo de reconhecimento.

Portanto, o fenômeno da linguagem, em Fanon, é analisado especificamente no contexto da colonização e do racismo. Em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, o autor busca explicar a posição do negro das Antilhas diante da língua francesa. Para ele, o homem negro busca falar como um homem branco a fim de ser reconhecido pelo Outro e afirma que “um homem que possui a linguagem possui também o mundo que esta linguagem abrange e que através dela se exprime (...); a posse de uma linguagem representa um poder extraordinário” (Fanon, 1983, p. 18).

Compreendemos que a discussão de Fanon sobre a linguagem permanece relevante para a reflexão sobre a literatura contemporânea. Ainda que *Americanah* não

apresente uma narrativa diretamente centrada na colonização, entendemos que o pensamento fanoniano sobre o fenômeno da linguagem continua pertinente para examinar um contexto capitalista marcado pelo imperialismo e pela exploração, sobretudo nas relações entre países centrais do sistema — como EUA e Inglaterra — e aqueles situados na periferia, como a Nigéria. Inclusive, é oportuno citar o próprio autor, ao afirmar que “o colonialismo e o imperialismo não estão quites conosco por terem retirado suas bandeiras e suas forças policiais. Durante séculos, os capitalistas comportaram-se no mundo subdesenvolvido como verdadeiros criminosos de guerra” (Fanon, 1968, p. 80).

Neste artigo, observamos como a protagonista, mulher negra oriunda de um país periférico, percebe na língua inglesa uma forma de violência ao chegar aos EUA, apresentado, no romance, como um espaço de convivência entre personagens de diferentes origens, no qual as personagens não brancas são racializadas. Nesse contexto, a relação entre Outro/outro torna-se ainda mais significativa, pois esse Outro — o branco norte-americano — se constitui como autoridade em relação aos outros, isto é, às personagens não brancas. Diante dessa hegemonia, as personagens subalternizadas buscam diferentes maneiras de se sentir parte desse lugar. Assim, a análise que se segue examinará primeiramente o tema da racialização e a constituição da branquitude como norma dentro do romance para, em seguida, compreender como os conflitos produzidos por essas relações interferem no posicionamento das personagens, sobretudo no modo como empregam a linguagem.

Começamos, pois, com uma atenção à primeira página da obra. A narrativa começa, em *media res*, ambientada nos EUA e intercala o momento em que a protagonista, Ifemelu, vai ao salão de beleza com uma retrospectiva do seu passado. Aqui, já se passaram treze anos desde que Ifemelu chegara a esse país e está, agora, se preparando para voltar à Nigéria. A primeira página apresenta uma longa descrição do espaço, mencionando cidades e bairros dos EUA, além de apresentar as impressões de Ifemelu sobre Princeton, cidade na qual se localiza o *campus* universitário onde estuda. Um aspecto a ser ressaltado nessa descrição é a distância entre determinados bairros e a mudança na caracterização desses espaços. É bastante simbólico que o romance se inicie com a protagonista indo trançar os cabelos em um salão especializado em tranças africanas e que, para isso, ela precise se dirigir a um bairro distante, o que revela uma divisão na cidade entre bairros habitados predominantemente por personagens negros e

personagens brancos, bem como sua diferença social. O romance mostra essa divisão ao longo do percurso da protagonista, uma vez que o salão fica localizado em uma parte periférica da cidade, e, na medida em que ela se afasta do centro, as diferenças entre esses espaços se tornam mais contrastantes: os salões especializados em tranças africanas “ficavam na parte da cidade onde havia muros pichados, prédios cujo interior era escuro e úmido e onde não se via nem uma pessoa branca” (Adichie, 2014, p. 16).

Por outro lado, Princeton é descrita como um lugar agradável, com ruas limpas, moradores educados e casas imponentes. A partir dessas descrições iniciais, o romance já revela oposições que irão permear todo o texto. Assim, em um tom de denúncia, é demonstrada a imbricação das questões de classe e raça na representação da sociedade americana. Esses detalhes descortinam a hegemonia branca nos Estados Unidos, demarcam o lugar social das personagens e reforçam a ideia de exclusão e desigualdade de classes sociais nesse espaço.

Desse modo, na representação social dada no romance, enquanto as personagens brancas ocupam uma posição central, as não brancas são marginalizadas, definindo-se, também a partir desse elemento, o que é centro e o que é margem. Nesse sentido, o espaço narrativo não deve ser entendido apenas em seu sentido físico, mas também em sua dimensão simbólica, que introduz o tema da desigualdade social que marca os EUA e que coexiste com a imagem amplamente difundida de celebração da diversidade no país.

Outrossim, a primeira página também introduz ao leitor um dos temas centrais no romance: o deslocamento de identidades e os conflitos com os quais as personagens se deparam ao chegarem nesse novo lugar. No tocante a Ifemelu, esse deslocamento resulta, inicialmente, na tentativa de adotar uma nova identidade, visto que “acima de tudo, gostava do fato de que, nesse lugar de conforto afluente, podia fingir ser outra pessoa, alguém que tivera acesso a esse sagrado clube americano, alguém com adornos da certeza” (Adichie, 2014, p. 9). O trecho em questão aponta a problemática das relações raciais, que estão imbricadas pela relação centro/periferia, Outro/outro, e questão de classe no texto. Essa construção não é caracterizada apenas pelos macroespaços (sobre os países envolvidos), mas em espaços menores, a partir da descrição dos bairros, das ruas e do *campus* da universidade, por exemplo. Portanto, observadas essas nuances, notamos que, já no momento inicial do texto, a mudança da protagonista introduz a ideia de identidade posicional nesse entre-lugar.

Ifemelu não é a única personagem imigrante a se sentir deslocada e a buscar alternativas dentro de um contexto em que se sente oprimida. Para entender como isso ocorre, é necessário compreender como o romance constrói as personagens brancas de modo a representarem esse Outro com o qual as personagens não brancas tentam “se parecer”. Hommi Bhabha, ao falar sobre uma das condições do processo de identificação, afirma que “existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou *locus*. É uma demanda que se estende em direção a um objeto externo” (Bhabha, 2013, p. 83).

Nesse caminho, pensar a constituição do branco como a norma no espaço aqui centralizado significa analisar a construção ideológica do branco como universal. Para isso, podemos destacar a personagem Laura, irmã de Kimberly, uma mulher branca que contrata Ifemelu para trabalhar em sua casa como babá. A relação entre Laura e Ifemelu é de constante confronto. Laura percebe Ifemelu como uma *outsider* e sempre procura falar sobre a Nigéria de modo a destacar assuntos como corrupção e pobreza.

Ela representa um grupo de personagens brancas que concebem os Estados Unidos como um lugar supostamente acolhedor para imigrantes. Esse imaginário é construído paralelamente a estereótipos sobre países pobres. Um dos mais recorrentes é o de que esses lugares necessitam da caridade das nações ricas e, portanto, os imigrantes deveriam considerar um privilégio poderem viver nos EUA. Para essas personagens, a ideia de “acolhimento” parece se justificar apenas pela presença desses outros no espaço americano, desconsiderando a violência a que as personagens imigrantes são submetidas. As falas de Laura são exemplos disso:

Eu li na internet que os nigerianos são o grupo de imigrantes que têm o mais alto nível de educação neste país. É claro que isso não se refere aos milhões que vivem com menos de um dólar por dia no seu país, mas quando conheci esse médico, pensei neste artigo, em você e em outros africanos privilegiados que estão aqui neste país. (Adichie, 2014, p. 183)

Ao dizer isso, Laura acaba reforçando uma noção de afastamento/diferença, na medida em que procura acentuar a diferença entre esses espaços. Por conseguinte, essa noção de separação (neste país x no seu país) revela que a personagem considera que os EUA não são o lugar de Ifemelu.

É possível compreender, então, que Laura enxerga os EUA como um país salvador, ou ainda “irmãos mais velhos”, que desempenha a missão de ajudar os mais

necessitados. Dessa forma, a personagem reproduz um imaginário sobre a missão civilizatória, que desconsidera aspectos mais profundos na relação entre os EUA e esses países. Assim se dá a construção de estereótipos relacionados a ambos os espaços. A imagem do continente africano, de forma homogeneizada, é a de um lugar atrasado, pobre, corrupto e que os imigrantes fogem da fome, da guerra e da pobreza, enquanto os EUA, também homogeneizados, reforçam sua imagem de um país superior, encarregado de fazer algo pelos demais, como um ato de benevolência.

Entretanto, o que a narrativa apresenta são conflitos que derivam desse território e, desse modo, acaba revelando uma fissura no discurso dessas personagens. De fato, a diáspora em si representa a esperança para as personagens deslocadas, de modo que esse deslocamento se dá pela crença da real possibilidade de realizações pessoais. Mas isso conduz a uma contradição sobre esse país hospedeiro, que também se configura como um espaço de opressão. Por isso, há uma grande contradição entre a fala das personagens que afirmam que os EUA são esse lugar bom e acolhedor quando a narrativa revela diversas situações em que personagens imigrantes são oprimidas. É por essa razão que Ifemelu estranha o fato de ser chamada por Laura de privilegiada, depois de todas as experiências negativas às quais ela havia sido submetida desde que chegara aos EUA.

Essa imagem que algumas das personagens brancas carregam de si mesmas se ancora não somente pela presença de imigrantes em “seu” território, mas na repetida ideia de caridade. Durante uma festa, na casa de Kimberly, os convidados, na presença de Ifemelu, começam a contar sobre as doações que faziam, como um casal, que pagava os estudos da filha de um guia turístico que conheceram na Tanzânia, e mulheres que doavam dinheiro para instituições na África. Diante desse cenário:

Ifemelu sentiu um desejo súbito e desesperado de ser do país onde as pessoas davam dinheiro, e não do país onde elas recebiam, ser um daqueles que tinham posses e que, portanto, podiam ser iluminados pela graça de ter doado, estar entre aqueles que tinham dinheiro para gastar em piedade e empatia copiosas (Adichie, 2014, p. 185).

A questão que se apresenta é que a ideia da diversidade é abordada por algumas dessas personagens brancas como se as diferenças que compõem esse espaço fossem postas a partir de uma horizontalidade, quando, no entanto, a narrativa revela como as hierarquias são estabelecidas nos EUA, o que termina por contradizer a imagem de

benevolência. Além disso, é possível depreender que tal construção não expressa, propriamente, uma autopercepção de benevolência por parte das personagens brancas, mas, antes, indica que elas têm consciência da desigualdade existente e que procuram mantê-la, inclusive por meio do silenciamento do tema.

As falas dessas personagens revelam, em adição, um desconhecimento sobre o continente africano. Tal desconhecimento é, em si, resultado do próprio processo que buscou universalizar o homem branco e da estrutura de poder que permitiu que ele fabricasse a imagem de outros povos (Said, 2007). No decorrer da narrativa, há diferentes afirmações sobre isso, como na fala de Ginika, amiga de Ifemelu: “você deveria ter dito que Ngozi é seu nome tribal e Ifemelu é seu nome da selva, e ainda ter inventado mais um nome e dito que era seu nome espiritual. Eles acreditam em qualquer merda sobre a África” (Adichie, 2014, p. 143).

É nesse cenário que é representado o processo de racialização. Dada essa centralidade das personagens brancas, é possível compreender os processos de *embranquecimento* das personagens que compõem os grupos racializados ao longo do romance. Frantz Fanon, ao discutir esse processo no contexto de colonização, afirmou: “a inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Tenhamos coragem de dizer: É o racista que cria o inferiorizado” (Fanon, 1983, p. 78). Destacamos, ainda, que, em *Americanah*, o grupo de personagens que não são lidas como brancas inclui, também, hispânicos, asiáticos e judeus.

Aqui, as questões raciais e de classe mais uma vez se imbricam, pois, como expõe a protagonista, nessa estrutura, os negros americanos e os hispânicos compartilham o espaço de pobreza/subalternidade. Por consequência, no decorrer da obra, surgem os processos de homogeneização dos grupos minoritários e a formação do “tribalismo americano”, que é, inclusive, tema de um *blog*¹ criado por Ifemelu, o qual pode ser lido como uma estratégia do romance de apresentar a voz direta da personagem. Em seu *blog*, ela explica que esse “tribalismo” se divide em classe, raça, ideologia, e, conforme mais tempo se passa nos EUA, mais fácil fica de se entender como isso se estabelece.

É então que o emprego da linguagem no romance pode ser destacado em diferentes momentos para desempenhar múltiplas funções: enfatizar o deslocamento geográfico, caracterizar os espaços e as personagens e, sobretudo, materializar os

¹A protagonista escreve um blog chamado “Raceteenth or Various Observations About American Blacks (Those Formerly Known as Negroes) by a Non-American Black”, no qual ela compartilha suas impressões e opiniões sobre os EUA e os problemas étnicos-raciais neste espaço.

embates que permeiam as relações estabelecidas nesse cenário. Nesse contexto, as diferenças entre o grupo que ocupa a posição normativa e os grupos marginalizados tornam-se ainda mais evidentes e relevantes para a compreensão efetiva da obra.

O entre-lugar da linguagem

É verdade que, em um contexto de deslocamento geográfico e, principalmente, quando se trata do cruzamento das fronteiras nacionais, o fenômeno sociológico da variação linguística é entendido como um fenômeno natural de todas as línguas. Contudo, o que o romance de Adichie enfatiza é o caráter ideológico da linguagem, apresentando não apenas diferenças entre falantes de grupos distintos, mas destacando as relações de poder e o racismo que permeiam essas diferenças. Nesse sentido, o primeiro aspecto sobre a linguagem a ser abordado na leitura de *Americanah* é a adaptação do léxico pelas personagens imigrantes. Apesar dessas personagens utilizarem a língua inglesa – mesma língua do país hospedeiro – as palavras adquirem novos sentidos para elas, devido ao peso cultural associado a esse vocabulário.

Logo no começo da narrativa, por exemplo, o narrador apresenta a mudança de sentido da palavra *fat* [gordo (a)], ao dizer que Ifemelu não pensa nas pessoas como *fat*, mas como *big*, porque sua amiga Ginika lhe havia dito que “‘gordo’, nos Estados Unidos, era uma palavra horrível, carregada de preconceito, assim como ‘idiota’ ou ‘cretino’, e não uma simples descrição como ‘alto’ e ‘baixo’. Assim, ela havia tirado a palavra ‘gordo’ de seu vocabulário (Adichie, 2014, p. 12). Há uma diferença cultural no emprego de algumas palavras, que determina se elas devem ser utilizadas, quando, por quem e como são empregadas. Em outro momento, Ginika diz: “Você sabe como, na Nigéria, quando alguém comenta que você perdeu peso é uma coisa ruim? Aqui, se alguém diz que você perdeu peso, é preciso agradecer. É diferente aqui, só isso.” (Adichie, 2014, p. 135).

Dessa maneira, assimilar os novos sentidos dessas palavras representa uma forma de adentrar esta nova cultura e de, assim, se sentir parte do ambiente. O fato de Ginika conseguir entender isso demonstra que ela, de alguma maneira, já está tão integrada ao espaço, que o interesse por essas palavras representa uma abertura a essa cultura e à descoberta de coisas novas. Assim, uma das primeiras decisões de Ifemelu para tentar se sentir mais integrada ao novo lugar é buscar conhecê-lo melhor o mais rápido possível, e, para isso, ela passava horas na biblioteca e lia sobre a história e a

literatura estadunidense: “conforme lia, as mitologias dos Estados Unidos começaram a ganhar significado e seus tribalismos – de raça, ideologia e região -, a se tornar claros.” (Adichie, 2014, p. 149).

Se por um lado a apreensão dessas palavras representa uma mudança de ponto de vista, por outro, pode-se entender que, na busca por esse pertencimento, há também um aparente apagamento de aspectos culturais distintos das personagens, uma forma de uniformização. Ao descrever as amigas de Ginika, o narrador informa as diferentes origens de cada uma, mas destaca a forma como elas se tornam parecidas devido à adaptação ao lugar. Assim, uma de família japonesa, uma “de pele pálida”, uma de família chinesa, uma indiana “de pele cor de café”, todas essas meninas de origens distintas adotam um comportamento e um jeito de falar bastante parecidos e cultivam os mesmos hábitos: “todas riam das mesmas coisas e diziam ‘eca’ para as mesmas coisas, numa coreografia perfeita. (...) Como elas sabiam quando rir, e do que rir?” (Adichie, 2014, p. 136).

Desse modo, a linguagem, em diferentes aspectos, inclusive no uso de gírias, na atribuição de determinados sentidos às palavras e às expressões aparece, por vezes, como estratégia para destacar a uniformização das personagens, moldando o próprio comportamento delas: “E você sabia que ‘mestiço’ aqui é uma palavra feia?” [...] Por isso agora digo que sou birracial e devo me sentir ofendida quando alguém fala em mestiça” (Adichie, 2013, p. 135). Isso é o que diz Ginika, depois de explicar que a palavra “mestiça” é “mais forte” nos EUA e de dizer que Ifemelu escutaria dos brancos coisas que ela não escutava, sugerindo que, por Ifemelu ter a pele mais escura, ela estaria mais vulnerável a sofrer experiências racistas.

As discussões tornam-se ainda mais densas em relação a palavras que se conectam à história de racismo nos EUA. Durante uma aula sobre representação histórica no cinema, a professora de Ifemelu questiona por que a palavra “*Nigger*”² foi censurada dos filmes. Os estudantes começam a debater e a discordar sobre se a palavra deveria ou não ser censurada, considerando o impacto que ela causa. Nessa cena, é destacada a diferença entre personagens afro-americanas e africanas, e, mais do que isso, a vinculação de identidade de personagens com um grupo. A discussão é encerrada

²A palavra “*Nigger*” histórica e culturalmente nos Estados Unidos é compreendida como um termo de cunho racista, uma maneira considerada muito ofensiva, utilizada para se referir a uma pessoa negra. A tradução da obra, aqui utilizada, optou, em português, pela palavra Crioulo. Na discussão feita nesta dissertação optou-se por deixar a palavra em inglês.

justamente quando uma das alunas afro-americanas diz, em resposta a uma aluna africana, “se vocês não tivessem vendido a gente, não íamos estar discutindo nada disso” (Adichie, 2014, p. 151).

Nas humanidades, é comum que a construção da identidade e a da diferença sejam compreendidas como processos comumente vinculados um ao outro, de modo que a identidade não pode ser construída sem a marca da alteridade, daquilo que está fora dela. A diferença estabelece um parâmetro que permite a definição da identidade em um processo contínuo. Assim, compreende-se que a identidade é relacional, não é estática nem inerente ao sujeito: ela se configura a partir das relações sociais, através da interação entre os indivíduos. Nesse viés, torna-se oportuno analisar a identidade cultural a partir da *abordagem relacional*, que está embasada, como explica Cuhe (1999, p. 182) na noção de que “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas”. Por isso, ainda de acordo com o autor, é que essa identidade pode ser, em um determinado momento, afirmada ou reprimida.

Ao longo de *Americanah*, é possível ver como a vinculação de personagens com a construção de identidades forma diferentes grupos. Essa identificação é forjada dentro de contextos sociais e se constitui um posicionamento que pode ser ora reivindicado, ora rejeitado. Apoiado nisso, se podem ler as ações de diferentes personagens nesse espaço como respostas à necessidade de *reconhecimento*, que passa tanto pelo estabelecimento da igualdade quanto da diferença.

Interessado na questão do reconhecimento e inteirado da filosofia de Hegel, Fanon afirma que a consciência de si envolve o reconhecimento pelo outro e afirma sobre o homem: “enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema da sua ação. É deste outro, é do reconhecimento por este outro, que dependem seu valor e sua realidade humana.” (Fanon, 1983, p. 176). Vê-se, aqui, um ponto central na análise do romance: esse Outro representa um parâmetro, é aquele a quem se deseja alcançar; é aquele que valida a identidade do eu.

Com base nisso, partimos, agora, para a leitura das personagens imigrantes e racializadas, tomando, a princípio, a protagonista e seu processo de adaptação no país hospedeiro. Quando Ifemelu vai, pela primeira vez, à Universidade de Princeton para fazer sua inscrição, ela encontra Cristina Tomas, responsável pela matrícula dos alunos novatos. Essa personagem é descrita da seguinte forma: “com sua cara lavada, seus olhos

azuis aguados, seu cabelo desbotado e sua pele pálida”. Cristina pergunta se Ifemelu é uma aluna estrangeira e se dirige a ela falando pausadamente “Você. Primeiro. Precisa. Pegar. Uma. Carta. Do. Departamento. De. Alunos. Estrangeiros.” (Adichie, 2014, p. 146). Quando, durante a conversa, Ifemelu percebe que Cristina fala desse modo devido a sua origem, ela diz para a funcionária que ela sabe falar inglês. Entretanto, Cristina responde não saber se Ifemelu “fala bem” o idioma. Diante disso,

Ifemelu se encolheu. Naquele segundo de silêncio difícil em que ficou olhando nos olhos de Cristina Tomas antes de pegar os formulários, ela se encolheu. Como uma folha seca. Falava inglês desde pequena, fora capitã da equipe de debate no ensino médio e sempre achava a pronúncia anasalada dos americanos um pouco rudimentar; não deveria ter se acovardado e encolhido, mas o fez. E, nas semanas seguintes, conforme o frio do outono ia seguindo, começou a treinar um sotaque americano. (Adichie, 2014, p. 147)

Cristina Thomas é aqui uma projeção concreta desse Outro por quem Ifemelu é confrontada e por quem se sente avaliada. A atitude da funcionária induz uma mudança de posicionamento da protagonista. Nota-se que o desejo de Ifemelu em treinar um sotaque americano não deriva apenas da curiosidade em relação a algo novo, nem somente da necessidade de se sentir parte daquele ambiente, mas sobretudo que esse desejo advém como uma resposta frente a uma situação em que se vê diminuída. Cristina Tomas faz parte do grupo que constitui a norma, mediante as relações de poder aí postas, enquanto Ifemelu constitui, nesse espaço, o grupo das minorias. A linguagem aparece na cena não apenas como uma simples diferenciação/caracterização das personagens, mas uma forma pela qual esse *Ser* que se pretende universal, representado por Cristina Tomas, se impõe. Nesse sentido, ainda que essa não fosse a única estratégia possível, a ação de Ifemelu corresponde a uma tentativa de assimilação de um determinado aspecto da cultura americana, frente a essa imposição.

Importa destacar que a presença de Ifemelu também representa uma oposição para Cristina Tomas, um referente externo a partir do qual ela constrói a imagem de si mesma. Contudo, Cristina está alicerçada por uma estrutura que a “permite” se colocar como a norma, enquanto Ifemelu, bem como as personagens que formam grupos minoritários no decorrer da narrativa, deve responder a esse ambiente.

Na cena mencionada, a variação linguística é posta de modo verticalizado, em que o *inglês americano padrão* é posto em contraste com uma variação do idioma, que é, por sua vez, subalternizada. Assim, a língua inglesa, que é uma língua comum para essas

personagens e que possibilita a comunicação entre elas, ao invés de proporcionar uma aproximação, estabelece um distanciamento, uma diferenciação entre elas, constituindo um espaço de confronto.

A decisão da protagonista de assumir o modo de falar dos americanos pode ser lida como uma *via de embranquecimento*, como uma das *máscaras brancas* discutidas por Fanon (1983), uma vez que a linguagem utilizada pela funcionária da universidade se torna um padrão para Ifemelu. Como vimos anteriormente, Frantz Fanon atribuiu à linguagem um lugar de destaque para refletir sobre a aspiração da brancura pelo homem negro, frente aos processos de desumanização que lhe foram impostos pela colonização. Isso porque, segundo o autor, é através da linguagem do branco que o negro é definido: “Olhe! Um negro!”.

O escritor martinicano explica que, como efeito da colonização, a língua da metrópole se torna um parâmetro para o negro na colônia, de modo que se cria uma condição alienante em que, quanto mais o negro se apropria dessa língua, mais branco ele é. Partindo da premissa de que a linguagem é um modo de pensar, Fanon afirma que junto com a língua nasce uma nova personalidade. Embora isso possa parecer bastante simplista, ele apresenta uma análise relevante para explicar como o negro subalternizado se posiciona diante da linguagem.

De modo geral, o autor defende que a linguagem é, portanto, uma forma de ser, de estar no mundo; ela é, para o negro colonizado, a principal via para alcançar a humanidade que foi atribuída ao homem branco. A pergunta norteadora que Fanon coloca – o que quer o homem negro? – é respondida através da afirmação de que “para o Negro, há apenas um destino. E ele é ser branco” (Fanon, 1983, p. 12)³. Ele explica, ainda, que esse é um resultado do complexo de inferioridade gerado tanto por um processo econômico, quanto pela interiorização dessa inferioridade.

Entretanto, destacamos que essa decisão da protagonista revela também a ambivalência da linguagem. Ifemelu opta por falar de uma forma que não lhe era natural como meio de reduzir os impactos do racismo sobre si, mas ela nunca consegue alcançar esse parâmetro completamente, pois, como o narrador nos permite saber,

³Aqui, Fanon está discutindo a condição do negro antilhano que vai para a França, mas afirma que essa é a condição de todos os povos colonizados. É essencial situar esse autor, de perspectiva anticolonial, que publicou a obra supracitada no início da década de 1950, quando muitos países africanos estavam em processo de independência, para que não se perca de vista o contexto específico sobre o qual o autor está tecendo sua análise.

o sotaque tinha rachaduras, era consciente, precisava ser lembrado. Exigia um esforço, o lábio retorcido, os volteios da língua. Se Ifemelu estivesse em pânico, apavorada, ou fosse acordada de supetão no meio de um incêndio, não ia lembrar como produzir aqueles sons americanos. (Adichie, 2014, p. 189)

A fala de Ifemelu é esse espaço ambivalente em que ela sente que não pode ser ela mesma nem pode assimilar completamente o modo de falar do Outro. No seu discurso, está presente a marca da diferença, que nunca se torna ausente, e, desse modo, essa fala caracteriza alguém que está ocupando um terceiro espaço. Logo, a identificação, como bem diz Homi Bhabha, é “a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem (...) é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem” (Bhabha, 2013, p. 84).

Em um sentido inverso, essa ambivalência também é percebida quando Ginika, a amiga de Ifemelu, tenta, em um momento específico, empregar o inglês nigeriano. Quando ela vai buscar Ifemelu para apresentar o *campus*, o narrador a descreve detalhadamente, enfatizando a mudança que essa personagem sofrera desde que chegara ao novo país, e diz que, ao encontrar a velha amiga,

Ginika havia passado a usar o inglês nigeriano, uma versão datada e afetada, ansiosa por provar que continuava a mesma. Com uma lealdade esforçada, havia mantido contato ao longo dos anos: ligava, escrevia cartas e mandava livros e calças de alfaiataria. E agora estava dizendo ‘shay, sabe’, e Ifemelu não teve coragem de contar que ninguém mais dizia ‘shay’. (Adichie, 2014, p. 134)

Ao analisar essas duas personagens, é possível identificar como a linguagem expõe e caracteriza o conflito de pertencer a esse entre-lugar, acarretando a percepção de que, se, por um lado, a assimilação não se completa, tampouco se pode afirmar que o inglês nigeriano poderia continuar sendo para Ginika e Ifemelu um espaço de conforto, onde poderiam se sentir elas mesmas. O vínculo com o país natal se reconfigura e surge uma distância não somente geográfica, mas também temporal e, consequentemente, cultural, que toma forma na linguagem.

Assim como a protagonista e sua amiga, outras personagens mudam seu comportamento diante da linguagem. Uju, por exemplo, tia de Ifemelu, é uma mulher nigeriana, médica, amante de Oba, um general nigeriano, com quem ela tem um filho, Dike. Após a morte do general em um acidente, diante das duras condições em que se encontra na cidade de Lagos, Nigéria, com o nascimento do filho e a falta de perspectivas dentro do seu país, Uju resolve mudar para os EUA, na intenção de conseguir um

emprego na área de sua formação e ali se estabelecer. Ao chegar ao novo país, ela precisa fazer testes para obter a licença que lhe permita exercer sua profissão no novo território. Tendo sido reprovada nos primeiros exames e vivendo ainda sob uma dura condição, que não condizia com suas expectativas, Uju internaliza que o seu processo de adaptação exige uma série de mudanças de sua parte.

Há uma cena em que Ifemelu, Uju e Dike estão fazendo compras em um supermercado, e o leitor é informado que Uju só comprava produtos em promoção, ainda que não fossem exatamente aquilo de que precisava, o que ajuda o leitor a entender a situação financeira da personagem. Dike, na ocasião, pede à mãe que compre um cereal de determinada marca, mas ela nega. A criança insiste, pega o produto e sai correndo para o caixa. A funcionária se dirige ao menino, e Uju ordena:

Dike, ponha isso de volta”, disse tia Uju, com o sotaque anasalado e escorregadio que usava quando falava com americanos brancos, na presença de americanos brancos, ou onde pudesse ser ouvida por americanos brancos. Junto com o sotaque, surgia uma nova personalidade, de alguém que pedia desculpas, rebaixava-se. Ela foi solícita em excesso com a caixa. “Desculpe, desculpe”, disse, procurando o cartão de débito na carteira. Como a mulher estava olhando, tia Uju deixou Dike ficar com o cereal, mas, quando eles chegaram ao carro, agarrou sua orelha, puxou e torceu. (Adichie, 2014, p. 120)

Essa cena se assemelha à vivenciada por Ifemelu na universidade, pois, conforme exposto anteriormente, os americanos brancos constituem o referente que se deseja alcançar. Nesse sentido, assim como Cristina Tomas representou esse Outro para Ifemelu, a mulher do caixa cumpre a mesma função para Uju. O trecho destaca a dimensão racial na constituição desse Outro, tanto pelo fato de o narrador enfatizar “americanos brancos” quanto pela posição ocupada pela personagem branca — uma caixa de supermercado, em serviço —, tal como a recepcionista universitária que atendeu Ifemelu. O ponto central é que, sob a perspectiva de classe, a atendente não ocupa uma posição de “autoridade” sobre Uju, o que evidencia que o conflito ali é primordialmente racial. Dentro desse contexto de violência sistêmica, “o negro tem duas dimensões: uma com seu semelhante, outra com o branco” (Fanon, 1983, p. 17).

Entretanto, diferente de Cristina Tomas, há apenas uma fala dita pela funcionária do caixa, que age de forma neutra. Isso pode reforçar que a ação de Uju se justifica mais pela sua experiência negativa naquele país, que se relaciona a um contexto mais amplo e não somente ao momento em que está sendo mostrado na cena, como sugere o início do parágrafo.

Dessa maneira, toda a cena é construída de forma a enfatizar aspectos da dura condição de vida dessa personagem, o que também pode reforçar a necessidade de Uju em tentar se adaptar àquele ambiente. Assim como Ifemelu, também aparece a ambivalência na fala Uju - “com o sotaque anasalado e escorregadio” - de modo que apesar de também aí haver um esforço da personagem em igualar sua forma de falar a dos americanos, o texto demonstra, mais uma vez, não somente essa tentativa, mas a impossibilidade de realizar esse projeto.

Nesse cenário, se, por um lado, a atitude de Uju em relação à língua inglesa consiste na busca por uma aproximação a uma variação específica, por outro, em relação ao igbo, sua língua materna, há uma tentativa de afastamento ou ainda de rejeição. Uju reclamou quando Ifemelu falou com Dike em igbo, e, posteriormente, o narrador esclareceu que

da última vez em que Ifemelu os visitara, tia Uju tinha dito para ele: “Vou mandar você de volta para a Nigéria se fizer isso de novo!”, falando em igbo como só fazia quando estava com raiva. Ifemelu temia que, para Dike, igbo fosse se tornar a língua do conflito. (Adichie, 2014, p. 187)

Nessa passagem, tanto o conteúdo da fala de Uju quanto a escolha do idioma são relevantes. Primeiro porque dizer que vai mandar o filho para Nigéria sugere uma ameaça, e a língua utilizada para isso é justamente o igbo. Dessa forma, Uju associa aquilo que se relaciona à Nigéria a algo indesejado. Nessa perspectiva, percebemos que Uju precisou tanto ficar imersa nessa cultura e nesse processo, que passou a rejeitar aspectos da cultura materna, como uma tentativa de acelerar seu processo de adaptação.

Contudo, isso não quer dizer que Uju não tenha um ponto de vista crítico ou que seja tão resignada desse contexto. Frente ao desconforto gerado nesse ambiente, Uju lança constantemente críticas aos EUA e aos americanos, as quais dizem respeito tanto aos problemas que ali existem de fato, como também ao próprio estranhamento de quem está imersa em uma cultura diferente, além da reprodução de alguns estereótipos. Quando Ifemelu chega aos EUA e encontra sua tia, ela conclui que o país tornara Uju uma mulher submissa, mas aquilo que Ifemelu enxergava como submissão, na verdade, era a reação de Uju diante das situações em que se sentiu inferiorizada:

Eu nem sei por que eu vim parar nesse lugar. Outro dia, a farmacêutica disse que meu sotaque era incompreensível. Imagine, eu fui pedir um remédio e ela teve a coragem de dizer que meu sotaque era incompreensível. E naquele

mesmo dia, como se alguém tivesse mandado os dois de propósito, um paciente, um vagabundo inútil cheio de tatuagens pelo corpo, me disse para voltar para o lugar de onde vim. Só porque eu sabia que ele estava mentindo quando disse que sentia dor e me recusei a lhe dar analgésicos. Por que tenho que aceitar essa droga? Eu culpo Buhari, Babangida e Abacha, porque eles destruíram a Nigéria. (Adichie, 2014, p. 237)

A referência feita aos ditadores nigerianos no fim dessa fala reforça a noção de que esse deslocamento não é somente voluntário, mas se justifica pelo fato de a personagem se perceber, de alguma forma, forçada a deixar seu país, revelando, desse modo, o trauma de ter deixado a terra natal. Uju é, portanto, mais uma das personagens desse romance diaspórico que ocupa um terceiro espaço. É alguém que tem consciência do lugar ao qual foi fixada nesse país “que não é o seu” e das origens dos conflitos que precisa enfrentar. Uju sabe que é o seu lugar de mulher negra, nigeriana e pobre que a exclui do *American dream*.

Outra personagem pertinente a nossa análise é Mwombeki, um estudante de Princeton, membro da Associação de Estudantes Africanos, uma associação para agrupar alunos de diferentes países da África em um espaço onde fosse possível compartilhar experiências, mas, sobretudo, cultivar o sentimento de pertencimento, na tentativa de diminuir a sensação de deslocamento. A identificação desses membros consiste justamente em terem uma oposição comum em relação aos americanos.

Embora esses estudantes sejam de países com culturas distintas entre si, naquele espaço, eles eram vistos como negros africanos que “ganharam a oportunidade de estar nos EUA”, sem maiores especificidades. Durante uma recepção dos novos alunos, Mwombeki faz o seguinte discurso:

Logo, logo vocês vão adotar um sotaque americano, pois não vão querer que as pessoas do serviço de atendimento ao consumidor fiquem falando “O quê? O quê?” No telefone. Vão começar a admirar africanos que têm um sotaque americano perfeito, como nosso irmão Kofi aqui. Os pais vieram para cá de Gana quando ele tinha dois anos, mas não se enganem com o sotaque dele. Se forem à sua casa, verão que comem kenkey todos os dias. O pai deu uma bofetada nele quando tirou C numa matéria. Não tem bobagem de americano naquela casa. Ele vai a Gana todos os anos. Chamamos pessoas como Kofi de africanos americanos, não afro-americanos, que é como chamamos nossos irmãos e irmãs cujos ancestrais eram escravos. (Adichie, 2014, p. 153-154)

Na fala de Mwombeki, a tentativa de assimilação aparece como uma espécie de estágio obrigatório pelo qual os alunos africanos são submetidos. Assim como na análise das personagens anteriores, também aqui esse processo de *embraquecimento* surge a

partir do confronto com o Outro e também sugere que é comum que se tome essa posição como uma estratégia de enfrentamento ao racismo. Mas deve-se destacar, no relato acima sobre a atitude de Kofi e sua família, o fato de que, ao passo em que tentam apreender aspectos da cultura americana, conseguem preservar elementos da cultura de origem. Outra leitura possível é considerar que tal estratégia consiste no que Bhabha (2013) chamou de *civilidade dissimulada*, em que se evita um confronto direto com o Outro, e se continua a cultivar aspectos da cultura natal.

Ao mesmo tempo em que a família de Kofi busca se apropriar de determinado padrão linguístico, ela continua a reproduzir hábitos que já faziam em seu próprio país, diferentemente de Uju, que, mesmo em casa, não permitia que o filho falasse igbo. O fato de Uju proibir que o filho fale em igbo pode ser compreendido como uma forma de facilitar a experiência de Dike nos Estados Unidos e reduzir os efeitos do racismo sobre ele, mas consiste, também, em privá-lo do contato com a cultura nigeriana. Portanto, as ações não são exatamente as mesmas, mas, em ambos os casos, na tentativa de estar “integrado” àquele espaço, essas personagens visualizam na linguagem um tipo de poder a partir do qual se pode obter algum tipo de *vantagem*.

O discurso de Mwombeki indica a preocupação em definir uma identidade para esse grupo ao qual ele se dirige, construída a partir de oposições, não somente em relação aos brancos, mas, inclusive, aos afro-americanos. Essas noções de identidade no romance são edificadas a partir da seleção de aspectos comuns partilhados por determinadas personagens ao passo em que se estabelecem diferenças com as demais, em um processo de inclusão e exclusão.

Stuart Hall, em seu livro *Da Diáspora* (2003), reflete sobre como a identidade deve ser concebida após a diáspora, tendo em vista que a concepção que se poderia ter de identidade como uma unidade, uma entidade indivisível relacionada fortemente a ideia de pertencimento a um território é abalada pelos processos de deslocamentos. Hall afirma que o conceito fechado de diáspora está baseado em uma concepção binária de diferença, “fundado sobre a construção de um ‘Outro’ e uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (Hall, 2003, p. 32). Assim, as fronteiras nacionais, por exemplo, servem para estabelecer essa oposição entre o eu e o outro. Entretanto, o autor propõe pensar a diferença em termos derridianos para pensá-la sem recorrer aos binarismos.

Nessa perspectiva, a identidade **africana americana**, representada no romance, é esse lugar ambivalente, que representa não uma dupla identidade, mas uma identidade

estratificada. Os elementos selecionados que unem esses membros vão desde o compartilhamento do processo de deslocamento, à saudade de casa, ao enfrentamento do racismo. Contudo, nesse movimento de inclusão e exclusão, se apresenta uma separação entre o “nós” e o “eles” que é bastante presente na obra, principalmente através das falas das personagens, mostrando uma lógica binária.

Embora essa diferença entre africanos americanos e afro-americanos também apresente conflitos que são apresentados em *Americanah*, no discurso de Mwombeki, há um apelo à fraternidade entre essas personagens, tratados como “nossos irmãos”, enquanto há um distanciamento em relação aos americanos brancos. Esse senso de comunidade se expressa, inclusive, na escolha de tratamento entre eles, ao utilizarem as palavras “irmãos” e “irmãs”.

De toda forma, o estabelecimento das identidades se dá de forma coletiva, isto é, não se trata somente de uma percepção do indivíduo sobre si mesmo, mas também de como ele é enxergado pelos outros. Confirma-se, nesse sentido, que não se trata de um posicionamento pessoal somente, mas que as identidades se constroem nas interações sociais. Nos EUA, os estudantes africanos ocupam o lugar de estrangeiros, de imigrantes, um olhar de fora, com história e posições diferentes dentro do país.

Um dos problemas resultantes da racialização, é oportuno discutir, é que ela retira a individualidade dos sujeitos e homogeneiza os grupos, fazendo com que cada indivíduo responda pelo todo. Esse processo, em *Americanah*, aparece de forma que as personagens racializadas são agrupadas e acabam reivindicando, em alguns momentos, esse pertencimento, pois “a manutenção de identidades racializadas, étnico-culturais e religiosas é obviamente relevante a autocompreensão dessas comunidades” (Hall, 2003, p. 66). O mais relevante a se pensar a partir desses agrupamentos e processos de identificação é como as identidades dessas personagens e desses grupos podem ser desmanteladas, negociadas e, à medida em que buscam ser afirmadas, mais deslizantes elas parecem ser.

Cabe aqui trazer o conceito de *hibridismo*: o sujeito híbrido é aquele que, pelo contato com culturas distintas, é atravessado por elas e, desse modo, ocupa esse entre-lugar, e apresenta duas ou mais vozes, consciências e pontos de vistas diferentes sobre o mundo. Os críticos que se dedicam a pensar o hibridismo, como Bhabha (2013), concordam que tal conceito é capaz de quebrar os essencialismos e as homogeneizações, resultados de um binarismo que cerca as discussões sobre cultura e identidade e que

acaba por fixar os sujeitos em posições específicas: dominador/dominado, colonizador/colonizado, sujeito/objeto, etc.

Todavia, o problema dessa compreensão sobre a identidade está no fato de que na busca por romper binarismos ela pode colocar em segundo plano o fato de que a violência sofrida por determinados sujeitos ocorre justamente pela existência de um sistema cuja dinâmica está pautada na relação entre dominantes e dominados. Talvez por isso, na visão de Robert Stam, o conceito de hibridismo e de estratégias decorrentes dessa condição, pode soar como “um patético prêmio de consolação para os povos oprimidos, como se fora dito: “claro, você perdeu sua terra, sua religião, e eles o torturam, mas procure enxergar o lado positivo: você é híbrido” (Stam, 2006, p. 322).

Ainda assim, autores como Edward Said e Stuart Hall, que analisaram a condição dos sujeitos que, por diferentes razões, viveram a diáspora, não desconsideram a dominação a qual esses povos foram subjugados, mas consideram a inevitável transformação do sujeito e articulam esse fato a uma tentativa de conferir “dignidade a uma condição criada para negar a dignidade” (Said, 2003, p. 48).

No tocante ao discurso de Mwombeki, é possível afirmar que não há uma intenção da personagem em elogiar a forma de falar dos americanos, não se trata de uma exaltação da cultura americana em detrimento da cultura de gana, ou vice-versa. Nesse discurso, fica implícito que não se admira um africano por “adquirir” um “sotaque americano perfeito”, por atribuir a essa forma de linguagem um *status* superior, mas por reconhecer nisso uma forma de negociação. É o discurso de quem está bem consciente da violência à qual é submetido.

Nesse sentido, podemos analisar Halima, uma das cabelereiras do salão de beleza para o qual Ifemelu se dirige no início do romance, que conta para as outras mulheres no salão que o filho dela apanhava na escola em razão da sua variedade linguística:

Quando vim para cá com meu filho, bateram nele na escola por causa do sotaque africano. Em Newark. Se você visse o rosto do meu filho... Roxo que nem cebola. Eles bateram, bateram, bateram. Meninos negros bateram nele daquele jeito. Agora o sotaque foi embora e não tem mais problema. (Adichie, 2014, p. 204)

Uma leitura que pode ser feita sobre a cena é que, uma vez que uma determinada forma de utilização da língua inglesa é normatizada, outras variações são rejeitadas, de modo que aqueles que se sentem mais próximos dessa norma acabam por, também,

querer impô-la ao outro, e acabam por reproduzir a violência sofrida. Sobre esse fenômeno, Fanon afirma que “como o negro sempre foi um inferior, ele tenta reagir por um complexo de superioridade” (Fanon, 1963, p. 172).

Durante todo o romance, ocorrem variações da língua falada por estrangeiros, mas é principalmente no ambiente acadêmico/profissional que predomina a necessidade do inglês normativo. Essa escolha se justifica porque o inglês padrão é o inglês “aceito” para circular nesses ambientes. Logo, não é necessariamente o uso da língua inglesa o motivo dos conflitos linguísticos que surgem, mas a tentativa de apagamento das variações, estrangeiras ou não, desse idioma. Sobre isso, Bell Hooks afirmou: “não é a língua inglesa que me fere, mas o que os opressores fazem com ela, como eles a moldam para se tornar um território que limita e define, como eles fazem dela uma arma que pode envergonhar, humilhar, colonizar” (hooks, 2008, p. 858). Mas quem normatiza determinado uso linguístico é quem dispõe de poder para tal, pois a construção da norma também é uma disputa. Por isso que a opção em rejeitar o padrão se configura um ato de resistência, sendo a impressão da sua presença nesse espaço.

Três anos depois de se estabelecer nos EUA, Ifemelu recebe uma ligação de um atendente de telemarketing, que em um determinado momento da conversa, diz que ela “parece uma americana falando”, e Ifemelu responde agradecendo, pois entende a fala do seu interlocutor como um elogio. Depois dessa ligação, Ifemelu começa a refletir por que agradeceu ao rapaz. Nesse momento, ela se lembra de Cristina Tomas, porque ela entende a afirmação do funcionário como um reconhecimento da sua vitória no confronto com a funcionária da universidade. Contudo, essa situação incomoda Ifemelu, pois, de acordo com o narrador, “sua vitória efêmera havia criado um enorme espaço vazio, porque ela assumira, por tempo demais, um tom de voz e uma maneira de ser que não eram seus” (Adichie, 2014, p. 191).

Depois disso, a protagonista se recusa a imitar um sotaque americano. Essa cena revela as transformações sofridas pela personagem ao longo do texto e reforça a vinculação da língua e identidade, uma vez que “falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (Fanon, 1983, p. 33). Agora, ao entender a fala do operador como algo positivo, ela também interrogou essa sua própria compreensão. Ao decidir parar de performar uma determinada variação linguística,

Ifemelu compreende que o ato de renunciar ao inglês nigeriano representa renunciar a sua cultura e a sua identidade.

As atitudes de Ifemelu em relação ao inglês americano, seja utilizar a língua como uma *via de embranquecimento* ou, posteriormente, de rejeição da norma, se realizam em relação ao Outro, mas representam perspectivas diferentes. Nas duas posições, está a consciência de sua condição de subalternidade, mas enquanto a “máscara branca” é utilizada na busca de minimizar os impactos do racismo, representando, como explica Fanon, uma condição alienante, assumir uma posição oposta aparece como um confronto mais consciente de quem compreende melhor a sociedade a qual integra, isto é, abarca uma compreensão de que tentar minimizar esses efeitos não elimina o problema.

Por isso, afirmamos que, quando Ifemelu desiste de tentar reproduzir um sotaque americano, isso representa tanto a maturidade da personagem, quanto uma mudança de ponto de vista sobre si mesma, sobre os outros e sobre o espaço no qual está inserida. E essa mudança de posicionamento representa uma postura de contestação e de resistência por parte dessa personagem. Portanto, diante de todo o exposto, reiteramos que a linguagem é, ela mesma, um dos elementos do romance que mostram o processo de formação dessa protagonista.

Ainda sobre a utilização da língua inglesa nos EUA, convém citar, mais uma vez, Bell Hooks, que explica esse movimento de reposicionamento diante do idioma ao afirmar que “nas bocas de africanos negros no chamado “Novo Mundo”, o inglês foi alterado, transformado, e tornou-se uma fala diferente. O povo negro escravizado pegou pedaços partidos do inglês e fez deles uma contralíngua” (hooks, 2008, p. 859). Hooks argumenta que há uma conexão entre o inglês falado pelos africanos deslocados e pelos afro-americanos, que é justamente a desarticulação do padrão de língua inglesa. É possível afirmar, ainda, que essa conexão também pode ser estendida a outros grupos, como latinos, hispânicos e asiáticos que convivem nos EUA.

Então, concluímos que, se, inicialmente, as posições das personagens podem ser lidas como uma via de *embranquecimento*, sob uma perspectiva fanoniana, podemos também afirmar que a protagonista, nesse entre-lugar, sai de uma condição alienante para uma condição mais consciente e de enfrentamento. A forma como o romance utiliza e discute a própria linguagem mostra tal processo de formação da protagonista. A decisão final de Ifemelu – a rejeição de um padrão linguístico – se relaciona ao seu amadurecimento e a sua tomada de consciência (e acompanha outras mudanças dessa

personagem que são descritas no romance, como a aceitação do seu cabelo natural, a criação de um *blog* onde ela problematiza e denuncia questões raciais no país hospedeiro e o uso da ironia). Essa posição final confere ao romance um tom crítico e uma postura de defesa e de orgulho de uma cultura marginalizada.

Por fim, constatamos que a discussão sobre linguagem e racismo feita por Frantz Fanon se mostra pertinente para a análise do romance, na medida em que evidencia como certas posições assumidas pelas personagens negras podem ser lidas como tentativas de alcançar o Outro. Ao mesmo tempo, observamos que algumas dessas personagens revelam um movimento de tomada de consciência e, portanto, uma espécie de fuga da condição alienante.

Esses elementos compõem o significado de *Americanah*, que, aqui, remete tanto ao título do romance quanto à noção de identidade que ele carrega. O termo diz respeito à tentativa de assimilação cultural, mas também à marca indelével da diferença. *Americanah* aponta, simultaneamente, para a reconstrução desse sujeito diaspórico e para a sua interferência no espaço — seja ele geográfico, seja a própria linguagem, ou mesmo o texto literário.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução de Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leila Perrone-Moisés. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 1992.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- FANON, Frantz. **O negro e a linguagem**. In: *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Marcela Caldas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fator, 1983, p. 17-35.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org). Tradução Adelainela Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- hooks, bell. **Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens**. Revista Estudos Feministas, v. 16, n. 3, 2008, p. 857-864.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. Tradução de Rosaura Eichenberg. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

STAM, Robert. O cinema e o Pós-colonial. *In*: **Introdução à teoria do cinema**. Tradução de Fernando Mascarello. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2006. p. 320-327.

Data de submissão: 05/09/2025

Data de aceite: 25/11/2025